

# Malandragem para matar

Por Aroldo Thaddeu Anderson\*

O que se passa em nossos corações? De repente é divertido ver alguém ter os “miolos” estourados. A dor nos faz rir. O assassino de aluguel foi morto à tiros. Deixou esposa e três filhos. Bem feito, ele não valia nada mesmo. O que importa é que seu matador foi “mau até o osso”.

O cinema retrata a realidade, retrata a violência com bom humor. O cinema banaliza a violência. Condenaremos então o cinema ou a vida? Talvez o espectador?

Gosto de filmes violentos, mas dos que me fazem rir. Gosto da violência estilizada, não da vulgar. O cinema deve ser abençoado por ter o poder de manipular a realidade, ou de reproduzi-la tão fielmente a ponto de transformar a tragédia em comédia. Poucos diretores conseguem fazer isto bem, ter a “malandragem” para transformar os clichês do cotidiano. Os que a tem são mestres, estes fazem o bom cinema violento, estes entrarão para a história.

O terceiro mundo vai explodir, quem tiver de sapato não sobra. O bang-bang, as tramas policiais, a violência em si, sempre fascinou à todos, talvez *O Bandido da Luz Vermelha* (1968), de Rogerio Sganzerla, seja o clássico do gênero no cinema brasileiro. Lançado à trinta anos, o filme se encaixa perfeitamente nos padrões dos anos noventa.

Não é de hoje que este estilo encanta o grande público. Facas perfurando abdomens, tiros sendo disparados sem economia de munição, corpos caindo, gritos histéricos, sangue manchando tudo o que é branco, estes clichês que estão sempre presentes, inclusive no filme de Sganzerla, e que, quando utilizados da melhor forma, fazem a plateia ir ao delírio. Mas é nos anos 90, principalmen-

te depois de *Pulp Fiction* (1994) de Quentin Tarantino, que a febre vermelha se instala em nossos corpos. Tarantino tornou-se pop após *Pulp Fiction*, ele é “malandro”.

Resurgido das trevas, com *O Quatrilho* (1994) de Fábio Barreto, indicação para o Oscar de melhor filme de língua estrangeira, e tudo mais, o cinema tupiniquim tornou-se viável novamente, desde então os meios de comunicação mais importantes do país já noticiaram alguns outros filmes com destaque internacional, as salas de exibição tornam-se um pouco menos monopolizadas pelo cinema “hollywoodiano”. Será que finalmente o cinema brasileiro está se tornando pop?

Quando me refiro ao pop, me refiro ao que é produzido para a grande massa, o que gera dinheiro, ou o que é de fácil assimilação, mas não obrigatoriamente, o que é feito para um público “burro”. Pop é fazer ou reproduzir o que todo mundo faz, ou o que todo mundo pensa em fazer, como matar alguém. É ser típico. *Pulp fiction* é pop, porém este não é burro, é um bom filme, pop apenas. *Os Matadores* (1997), de Beto Brant, filme que segue pela mesma linha, muitas mortes, muito sangue, traição, gemidos agonizantes, como os de Stênio Garcia, que, por mera coincidência, se assemelham muito aos de Tim Roth em *Reservoir Dogs* (1992), também de Quentin Tarantino, é previsível, também pode ser chamado de pop, porém não tem a “malandragem” que um filme sobre matadores deve ter. Tim Roth é ilariante ao morrer.

*O que é isso, companheiro?* (1997), de Bruno Barreto, que também foi indicado para o Oscar de melhor filme de língua estrangeira, como *Os Matadores*, que parece uma adaptação de filme policial norte-americano, para a realidade brasileira,

usa alguns clichês americanos em seu decorrer, no entanto estes são usados de forma menos extravagantes, tornando-se um bom filme policial brasileiro, ainda que também não tenha aquela "malandragem".

Robert Rodriguez, diretor e roteirista de origem latina, conquistou Holliwoody com *El Mariachi* (1993), que veceu o Sundance Film Festival. Ele tem a "malandragem", sabe estilizar a violência, realizou *El Mariachi* com sete mil dólares, ficou conhecido e orçou *Desperado* (1994) em sete milhões.

*Guerra de Canudos* (1997), de Sérgio Resende, não é americanizado em sua linguagem, porém, no que diz respeito à direção de ação, é ruim. Os padrões da minha geração - para quem não sabe, estamos em 1998 e eu tenho 22 anos - são bastante influenciados pela cultura americana. Por que não assumir? Não permitindo achar boas em um filme, cenas de ação totalmente teatrais.

Apesar de se tratar de histórias totalmente diferentes, *El Mariachi* e *Guerra de Canudos*, tendo em comum apenas o fato de serem violentos, Robert Rodriguez consegue dar às cenas de seu filme uma dinâmica extraordinária, considerando os recursos disponíveis. O que leva uma produção do tamanho da de Sérgio Resende ter suas cenas de lutas tão mal feitas? Concepção de filme? Um filme violento para ser bom não precisa ser americanizado, não precisa se parecer com *Pulp Fiction* ou *Desperado*, apenas precisa ter a "malandragem".

*Como Nascem os Anjos* (1996), de Murilo Salles, dos nacionais atuais, no estilo bang-bang, é o que melhor enfoca a violência, apesar de não ser meu estilo predileto. Exceto ao início, quando Maguila mata um companheiro de crime, foge ao estilo morte cômica, que tanto diverte o público. Pode ser considerado mais um drama policial. Retrata a realidade dos morros do Rio de Janeiro, que não é muito diferente à das favelas das outras metrópoles do país. É um filme sério, não diverte, choca, mas é melhor que uma adaptação de linguagem mal feita.

Mas o que é o que? Quem imita quem? Podemos dizer que os mestres devem ser imitados. Quando falo de imitação, não falo da imitação no exato sentido da palavra, me refiro à inspiração.

Os mestres devem ser imitados, quem é mestre, é mestre do mundo. Na música, brasileiros como Pixinguinha, Tom Jobim e Hermeto Pascoal não são somente mestres brasileiros, são mestres mundiais, assim como Miles Davis, John Coltrane e Charlie Parker.

Quando assisti o *Bandido da Luz Vermelha* pela primeira vez, fiquei impressionado com a semelhança em certas cenas, com cenas de filmes de Tarantino. Como isso pode ser possível? Como Sganzerla pode ter copiado tão descaradamente Tarantino na cena da dançarina com a cobra, por exemplo, se *O Bandido da Luz Vermelha* foi lançado praticamente 30 anos antes de *From Dusk Till Dawn* (1996). Mania de brasileiro esta de achar que tudo que é americano é melhor ou veio antes, Sganzerla e Tarantino podem ter se inspirado em um mesmo mestre, e os mestres não têm nacionalidade. Não têm época.

Sganzerla tem a "malandragem" para fazer filme no estilo bang-bang. *O Bandido da Luz Vermelha* é pop, mas não é filme burro para americano burro ver. Livrem-se de seus sapatos.

---

\* Aluno do IV semestre do curso de Jornalismo - FAMECOS - PUCRS

**cinema**

